

## **O PERIÓDICO COMO FONTE NA PESQUISA HISTÓRICA: TRABALHO E TRABALHADORES NO JORNAL “DIÁRIO DA BORBOREMA” – CAMPINA GRANDE, 1957-1980<sup>1</sup>**

DANILO RODRIGUES SOUZA<sup>2</sup>

SEVERINO CABRAL FILHO

### **INTRODUÇÃO**

Não é segredo algum que para produção de um saber historiográfico, é necessária a utilização de fontes que irão respaldar nosso discurso. Para este ofício, nos valem dessas fontes que formam o chão do passado por onde pretendemos caminhar. Vestígios de uma época, espaço e sociedade que só temos noção de sua existência graças a estas marcas que permaneceram no tempo. Como um detetive que precisa das pistas para desvendar um crime, o historiador se vale de suas fontes para reconstruir o passado.

Há alguns anos, mais precisamente entre o fim do século XIX e início do XX, a fonte tinha um caráter de verdade indubitável e oficial, que serviria para resgatar um passado glorioso de grandes homens e nações, um passado dignificante, sem espaço para pobreza, doenças e miudezas. Assim, a fonte se torna a prova objetiva e escrita que falaria por si só, sem nenhuma influência crítica ou subjetiva do historiador. Um documento que fundamentaria o fato, dando espaço para a construção da ciência proposta neste momento como História, ciência que não pretendia menos do que a verdade absoluta. Mas hoje o historiador já tem consciência do relativismo de seu ofício. A história não possui mais a capacidade de produção de um discurso que abarque totalmente o passado que se pretende elucidar. Não há um resgate de uma época, nem a garantia de que esta seja completamente real. Mas há a certeza de que esse tempo reconstruído seja ao menos “possível”, abandonando

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pelo Professor Dr. Severino Cabral Filho, este que possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1986), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (1996) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é Professor Adjunto na Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência nas disciplinas Sociologia e História, com ênfase nos estudos sobre Cidades, Cultura e Trabalho.

<sup>2</sup> Atualmente, é aluno graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Bolsista PIBIC da pesquisa “Imprensa, trabalho e trabalhadores em Campina Grande-PB (1957-1980)”, orientado pelo Professor Dr. Severino Cabral Filho. [danilorodrigues.ufcg@gmail.com](mailto:danilorodrigues.ufcg@gmail.com)

assim a idéia de verdade e substituindo-a pela idéia de “verossimilhança”. Logo, o próprio conceito de fonte também acaba se modificando para caber neste novo modelo de produção. Se antes, eram testemunhas neutras de um passado as fontes hoje estão entregues às mãos treinadas dos historiadores que as desconstroem, as localizam no tempo e no ambiente de sua produção, iluminam os interesses por trás de sua existência e contextualizam-nas. Pois, “o fundamental em cada história abordada não é descobrir ‘o que realmente se passou’ [...] e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões” (CHALHOUB, 1986: 22) de um mesmo momento histórico.

Mas a mudança no conceito de fonte não se deu de um momento para outro. Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch sugerem que restringir ou expandir o conceito de documento é o mesmo que limitar ou ampliar os passados que podem ser resgatados por nós historiadores. O ponto de partida para a passagem desta fonte completa e inquestionável para a idéia que temos hoje de fonte histórica como um “documento/monumento”<sup>3</sup>, produção de memória de uma determinada época, acontece com os primeiros passos da Escola dos Annales. Com este movimento, há uma transformação na maneira como os historiadores se voltam para sua própria disciplina.

Além das novas abordagens e perspectivas, há o que chamamos de problematização da história. Não só questionando as fontes que se pretende utilizar, mas também problematizando o passado a ser representado. Esse questionamento faz com que o historiador deixe apenas de narrar os documentos, distanciando-se do simples determinismo histórico que considera as fontes como documentos incontestáveis dos acontecimentos. Em sua terceira fase os historiadores vinculados à Escola dos Annales irão empregar com maior intensidade o que chamamos hoje de interdisciplinaridade. De acordo com Tania Regina de Luca, essa interdisciplinaridade causada pelos “aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, [...] traziam contribuições importantes” que acabavam forçando “o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar”. Algo que também impulsionou uma maior abrangência da noção de documento para o historiador.

---

<sup>3</sup> A expressão “documento/monumento” é utilizada por Jacques Le Goff no livro “História e Memória” onde ele esclarece que o principal dever do historiador é a crítica do documento independente de sua natureza (escrita, oral, sonora, etc.), documento este enquanto monumento, ou seja, perpetuador voluntário ou não de um passado. Isso é o que irá possibilitar que o historiador possa utilizá-lo na produção de sua representação do passado.

Com a possibilidade de trabalhar com novos objetos de estudo, o historiador acaba se valendo de novas fontes que tornassem seu trabalho possível diante dos novos modelos de construção de discursos sobre o passado.

"Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, especializado para esse uso... Que historiador das religiões se contentaria em consultar os tratados de teologia ou as recolhas de hinos? Ele sabe bem que sobre as crenças e as sensibilidades mortas, as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário das tumbas, têm pelo menos tanto para lhe dizer quanto muitos escritos." (LE GOFF, 1994: 540)

Dessa maneira, independente da perspectiva teórica utilizada, a escolha das fontes não deve ser guiada apenas pelo objeto e pelos objetivos da pesquisa, mas também pelo recorte temporal e pela problemática levantada. Além disso, deve-se considerar o documento como apenas mais “um” dos inúmeros discursos possíveis produzidos em determinado momento, pois como qualquer produção humana, está sujeita às subjetividades da época, do autor e de suas intenções. Logo, cabe ao historiador identificar as minúcias e características que validem a autenticidade do documento e seu valor historiográfico para a pesquisa.

## **E ENTRE AS NOVAS FONTES, O JORNAL**

É impossível negar que ao longo do desenvolvimento da história, os periódicos, como meios de informação, viram-se impregnados por relações de dependência com pessoas ou instituições de poder, sejam estes de caráter econômico, político ou sociocultural. Dessa maneira, a imprensa acaba muitas vezes funcionando como intermediária na transmissão dos ideais dessas instituições e pessoas, promovendo seu poder na sociedade. Uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2005: 116). Logo, é natural que durante muito tempo a utilização da imprensa como fonte de estudo para pesquisas em história, tenha sido relegada pelo seu caráter subjetivo e muitas vezes manipulativo e coercivo dos seus discursos. Como mostra Tania Regina de Luca, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005:

112). Mas como já dito anteriormente, com a Escola dos Annales, há uma busca por novos horizontes de pesquisa, ocasionando também a possibilidade do historiador de se valer de novas fontes históricas. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, acaba sendo reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. Mas é imprescindível o cuidado que o historiador deve ter ao manejar esta ou qualquer outra fonte em sua pesquisa.

“No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 1994: 548)

O documento histórico oriundo da imprensa não pode ser considerado o reflexo da realidade, mas o lugar onde há a representação do real. Logo, ao se trabalhar com notícias de jornais deve-se ficar atento à subjetividade dos redatores e do corpo editorial responsável pelo material trabalhado. Ora, todo autor está ligado a sua classe social e seu momento histórico, portanto aí reside a impossibilidade de sua imparcialidade, pressuposto básico que conduziu uma vez a pesquisa positivista. E exatamente neste ponto-chave que os Annales se diferenciam ao compor uma interpretação e análise, alterando desse modo o conceito de documento. Essa subjetividade normalmente é influenciada quando se pensa no público-alvo e nas funções sociais propostas pelo texto já que os meios de comunicação de massa determinam a construção da realidade dos seus públicos.

Sendo assim, todos esses aspectos fazem com que o pesquisador acabe recorrendo a outros tipos de documentos no intuito de responder mais claramente seus questionamentos. Questionamentos estes que devem ser mantidos em posição de destaque durante a pesquisa: "Quem eram as pessoas que tinham interesse ou acesso a esta leitura? Qual o discurso político e ideológico do editorial de determinado periódico?" Além desses questionamentos, a análise de aspectos físicos e condições técnicas de sua produção como, por exemplo, como se dá disposição interna das reportagens do periódico, é imprescindível na hora de abordar essa fonte. Mas apesar de todo o trabalho e atenção necessários, as qualidades e peculiaridades do periódico o tornam único e extremamente útil como fonte histórica. A mais destacável delas é

a própria periodicidade, onde os jornais acabam se constituindo em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos em questão. Outra é a disposição espacial da informação no impresso, permitindo a visualização de um acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. Também torna mais fácil o entendimento de um cotidiano social em determinado recorte temporal, suas principais preocupações e interesses, além de outros fatores que norteavam o imaginário daquele momento.

Algo que também deve ser considerado é que ao acompanhar determinado jornal, se torna mais fácil visualizar a ocorrência de transformações na sociedade. É importante sempre ter em mente que não adianta isolar um fato e analisá-lo fora de seu contexto, precisamos atentar para as esferas sociais, políticas e econômicas nas quais o objeto de estudo está inserido. Nada melhor que uma fonte que acaba se tornando o resumo diário, semanal, quinzenal, etc. dos principais interesses de determinado lugar. Mais do que isso, observar os motivos pelos quais determinados interesses ganharam destaque pela imprensa, enquanto outros permaneceram silenciados por ela.

## **DA SEDE AO POTE: EXPECTATIVAS E REALIDADES NA PESQUISA PRODUZIDA NO DIÁRIO DA BORBOREMA**

Se reconhece hoje que boa parte das grandes obras da historiografia foram pesquisadas e desenvolvidas em arquivos das mais variadas origens. Sejam repartições públicas, arquivos particulares, arquivos cartoriais, ou de qualquer outra instituição ou máquina estatal, estes ambientes ainda despertam os interesses de muitos historiadores. Na verdade, é difícil encontrar profissionais desta área interessados em desenvolver uma vida acadêmica sem que ainda não tenham frequentado um arquivo. Seja pelo entusiasmo dos aspirantes a historiador ou por incentivos financeiros das bolsas científicas, estes alunos se aventuram por entre as pilhas de papéis velhos na esperança de encontrar “o documento” que se tornará a pedra fundamental de sua pesquisa. Mas para que ocorra um aproveitamento total destes ambientes, seja em suas capacidades historiográficas, seja no desenvolvimento das

pesquisas desses alunos, é necessário que haja por parte dos cursos um maior cuidado na preparação destes futuros historiadores ao ambiente muitas vezes hostil do arquivo.

“Tal demanda nem sempre é bem correspondida pelo que as grades curriculares dos cursos de História oferecem. Em sua maioria, as disciplinas centram seus programas na fundamental discussão historiográfica, deixando, porém, de dar maior atenção às fontes documentais que nortearam essa produção”. (BACELLAR, 2005: 23-24)

Mas para além da necessidade de orientação, há também a necessidade do próprio contato com o arquivo. Ver e tocar as fontes históricas, documentos “guardiões do passado”, monumentos que resistiram ao tempo e trazem consigo discursos de outrora, dia após dia, lidos, analisados, fichados, é o que irá forjar as habilidades de pesquisa do historiador. Claro que orientação e leitura prévia sobre arquivos e pesquisa auxiliam bastante no processo, mas o entusiasmo em por a “mão na massa”, além da simples prática, estimula o historiador a prosseguir com seu trabalho. E ao mencionar estímulo, pretendemos aqui esclarecer que a pesquisa em arquivos não é fácil. A realidade nem sempre atende a todas as nossas expectativas inocentes sobre um local ideal e adequado de trabalho para o pesquisador ou de preservação das fontes e o acesso a elas. Os arquivos, muitas vezes chamados de “arquivo-morto”, acabam sendo confundidos com depósitos de documentos e papéis velhos sem nenhuma função aparente. Não é de se estranhar que muitas vezes esses arquivos sejam localizados em quartos escuros, úmidos e pequenos. Com esta visão, se percebe o desafio que a pesquisa pode se transformar. Funcionários problemáticos, burocracias desnecessárias, documentos mal organizados e mal preservados, falta de estrutura para o trabalho de pesquisa, além do constante risco de desenvolver doenças respiratórias. Mas isso, de acordo com Carlos Bacellar, não deve esmaecer o verdadeiro brilho que a pesquisa nestes arquivos pode atingir.

“Portanto, o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes. Encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa”. (BACELLAR, 2005: 49)

Desta maneira, o trabalho e o empenho nestes arquivos sempre vêm acompanhados de uma pesquisa bem-sucedida. Não se deve desanimar com os arquivos desorganizados ou com a dificuldade em se encontrar determinado documento, pois como diria Marc Bloch (citado por Le Goff), “não obstante o que por vezes parecem pensar os principiantes, os documentos não aparecem, aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável desígnio dos deuses” (LE GOFF, 1994: 548). Além do mais, nem todos os arquivos são tão assustadores assim. Nas visitas feitas ao arquivo do jornal Diário da Borborema para pesquisa e produção do projeto “Imprensa, trabalho e trabalhadores em Campina Grande-PB (1957-1980)”, podemos encontrar um ambiente mais acolhedor que os citados anteriormente. Salas climatizadas, jornais encadernados e organizados por data, mesas disponíveis para a acomodação dos volumes, funcionários interessados e preocupados com a preservação do lugar e dos documentos, entre eles, “Seu Biu”, que há 16 anos desempenha o trabalho de manutenção do arquivo. Nas conversas com ele, podemos perceber que a muito tempo o arquivo tem sido local de pesquisa para muitos historiadores anteriores a nós, o que de certa forma nos dá uma certeza do valor que tal fonte tem para a construção de representações do passado da Paraíba, mais especificamente da cidade Campina Grande.

Quem melhor poderia nos dar indícios sobre as ações dos agentes sociais de determinada época se não os discursos emoldurados pelas reportagens e foto-reportagens contidas num jornal diário de tal importância dentro do contexto nacional? Ora, o Diário da Borborema era antes de tudo um jornal ligado aos Diários Associados, sistema de mídias criado por Assis Chateaubriand, que por muitos anos foi considerado o maior do país. Neste conglomerado empresarial, numerosas empresas de mídias impressas, canais de rádio e televisão se uniram formando o império midiático que “Chatô” presidiria até o ano de sua morte, em 1968. Logo, a pesquisa ganha ânimo a cada folha de jornal virada e marcada com um singelo marca-texto que por algum indício, recorda o momento na qual ele foi colocado ali naquele volume. Folhas datilografadas que a muito não se vê, permeadas por manchas amareladas, anotações formadas por garatujas que nem o mais bem treinado paleógrafo conseguiria transcrever, bilhetes de linhas de ônibus que não mais existem. Sinais que os próprios pesquisadores que ali trabalharam deixaram para trás, sem perceber, vestígios

daqueles que se propuseram elaborar outras representações sobre o passado para o qual estamos nos voltando agora.

Representações de um passado que chega a nós por imagens escuras e desbotadas, que exigem certa paciência em determinar o que realmente se encontra ali. Também nos força a questionar o motivo de tantos outros símbolos não estarem presentes. Títulos de reportagens produzidos por editores que visivelmente não seguraram a língua no momento de desmerecer os criminosos e “meliantes” fichados pela polícia, fotografados e comumente destacados nas últimas folhas do Diário. Propagandas de um mundo novo de produtos que chegam aos campinenses pouco a pouco, juntamente com as empresas que aqui se instalaram durante os anos: carros em seus diversos modelos e funções, caracterizados pelos seus “horse power” de potência, deviam fazer inveja a qualquer um que não os possuísse; eletrodomésticos que simbolizavam progressos modernizadores, suscitando desejos e desafiando o poder aquisitivo dos campinenses mais abastados (não era qualquer um que poderia adquirir uma televisão de marca alemã ou um fogão a gás encontrado até então apenas nos estados mais ao Sul do país); propagandas de materiais e ferramentas de uso rural são constantemente encontrados entre as reportagens, o que nos faz pensar até que ponto a cidade de Campina Grande era predominantemente urbana dentro deste recorte histórico que destacamos na pesquisa.

Outra constante também que encontramos principalmente nas páginas dedicadas à cultura, à sociedade e ao lazer, são os principais destaques diários dos cinemas campinenses, que iam desde grandes sucessos hollywoodianos às chanchadas protagonizadas por Oscarito e por Grande Otelo, que moldavam as atitudes e os costumes dos espectadores. Tomadas de cenas que traziam hábitos que iam aos poucos sendo vividos pelos campinenses: o entusiasmo pela velocidade em motos e carros, o consumo do cigarro como símbolo de sofisticação e elegância, romances vividos às escondidas entre as poltronas do cinema (que provavelmente foram “reinterpretados” entre as sombras proporcionadas pelas salas do Cine São José, Cine Capitólio, Cine Babilônia e Cine Avenida), entre outros. Para além dos próprios cinemas e filmes, encontramos resumos e resenhas produzidos pelo jornal que se ocupava em destacar os principais filmes em cartaz, falando das impressões e tecendo críticas sobre as

inverossimilhanças com a realidade no caso daqueles filmes que falassem do fantástico e do ficcional, deixando um pouco do artístico e do sentido do entretenimento de lado.

E considerando essa crescente “necessidade de velocidade” que era forjada nas páginas do Diário, podemos observar, por exemplo, o caso da “I Ginkana de Lambrettas de Campina Grande”, prova de caráter “humorístico-desportiva” organizada pelo próprio Diário da Borborema juntamente com as rádios Borborema e Cariri. A reportagem principal que anuncia o evento menciona o crescente número de *lambrettas* em circulação na cidade, o que impulsionou a criação do evento que, para além da movimentação comercial, de certa forma tinha intuítos midiáticos, não só dos fornecedores e lojas que auxiliaram na promoção do evento, mas também do próprio jornal que o organizou.

Já levando em consideração o contexto histórico em que os primeiros exemplares do Diário da Borborema estão inseridos, ou seja, em 1957, encontramos diversas reportagens que tentam trazer para os campinenses um pouco dos acontecimentos internacionais que de algum modo, influenciavam o Brasil como, por exemplo, os lançamentos de satélites por parte da União Soviética ou dos Estados Unidos. Reportagens que cobriam a criação de novas teorias sobre as viagens espaciais e cálculos matemáticos que previam a chegada do homem a Marte até o fim do século XX. Relatos de todo o país sobre as ondas de rádio captadas pelos satélites que, vez ou outra, eram observados de relance pelos pedestres. Relatos estes que com o passar do tempo foram descritos também por campinenses cada vez mais entusiasmados pela ideia de “universo” e “espaço sideral”. Houve até um caso que gerou enorme estardalhaço em Campina Grande quando foi tomada uma foto de um pretenso satélite russo por um dos leitores do Diário e publicado no jornal. Algum dia mais tarde, depois de muita discussão sobre o acontecido, esclareceu-se que a tal foto na verdade era de uma sonda meteorológica que, diante dos olhos extasiados pelas novas possibilidades tecnológicas, simplesmente fora confundida com um satélite.

Já considerado a cobertura jornalística da política no âmbito nacional, o Diário da Borborema não mede linhas nem espaços para mostrar o trabalho do presidente Juscelino Kubitschek, que é visto pelo periódico como o responsável pela modernização da Rainha da

Borborema, não só com a construção do Açude do Boqueirão, mas com a atração de importantes empresas e indústrias que iriam modernizar e ocupar o distrito industrial de Campina Grande. Diante do plano desenvolvimentista adotado por Juscelino, a modernização industrial do Nordeste e a criação da SUDENE já denotam uma considerável atuação do presidente na região. Mas seu destaque nas páginas do Diário devem-se também ao forte envolvimento de Chatô na campanha de eleição de JK. Chateaubriand, além de jornalista e empresário, era também político membro do mesmo partido que Juscelino. Sua participação na campanha de Juscelino vem desde antes do PSD o destacar como principal indicação do partido para a presidência do país. Desta forma, é mais do que normal que o Diário da Borborema destacasse e, em algumas reportagens, venerasse a imagem do presidente. O jornal, como qualquer outra mídia, segue interesses e ostenta opiniões congruentes aos de seus empresários. Logo, não seria diferente em níveis estaduais e municipais este jornal destacar e promover as candidaturas de figuras como Rui Carneiro e Severino Cabral, colegas de partido de Chateaubriand.

Voltando aos objetivos principais da pesquisa, no caso o *trabalho* e os *trabalhadores* na indústria de Campina Grande, durante nossa abordagem aos primeiros números do diário, mal se via estas palavras. Na verdade, pouco se encontrava sobre o trabalho e os trabalhadores, se resumindo em pequenas reportagens sobre algumas greves deflagradas nos estados do Sudeste. Esta falta de sucesso nos desmotivou logo no início gerando certo desconforto: de que iríamos falar se nada havia ali sobre trabalho e trabalhadores? A resposta veio logo em seguida durante a primeira reunião com o orientador da pesquisa, Severino Cabral Filho, que abriu nosso foco da pesquisa ao falar de pequenos detalhes que até então não haviam sido considerados.

Discretos editais sobre vagas de empregos em indústrias recém estabelecidas ditavam os padrões de empregados que se exigiam naquelas empresas; reportagens sobre a chegada de diretores de empresas que aqui aportavam com o intuito de estabelecer filiais de suas indústrias; propagandas nos cantos das páginas sobre diversas metalúrgicas ou indústrias de couro já situadas em Campina e seus variados produtos e reportagens que falam sobre a necessidade de educação e instrução da população que pretendesse seguir um ofício nas

indústrias. Com o desenvolvimento da pesquisa e a cobertura de mais anos do recorte temporal proposto pelo projeto, conseguimos destacar reportagens mais expressivas que se encaixam adequadamente dentro de nossas expectativas, como a exemplo da chegada da empresa Wallig Nordeste S/A – Indústria e Comércio, vista como a “coroação” da “Rainha da Borborema”, já que a Wallig detinha o título de rainha da indústria nordestina, consagrando Campina Grande como a capital do trabalho na Paraíba. A Wallig era considerada como a jóia da coroa do recém criado Distrito Industrial de Campina Grande. Deparamos-nos ainda com o acompanhamento jornalístico da construção e inauguração do Açude do Boqueirão, visto como uma importante obra para a modernização industrial de Campina Grande. Estes são alguns dos temas encontrados até então na pesquisa, que têm se desenvolvido de maneira árdua e desgastante, mas extremamente produtiva e gratificante, considerando o valor do material trabalhado até então.

Das dificuldades – que teimam em aparecer – podemos citar, por exemplo, as de se adquirir os instrumentos corretos para reprodução da fonte, desde uma câmera fotográfica de alta resolução e a construção de um suporte de metal capaz de possibilitar fotografias completas de cada uma das páginas dos jornais para permitir a cobertura completa do recorte temporal proposto pelo projeto em tempo hábil, passando pelas pressões impostas pelas disciplinas que ora cursamos na Licenciatura em História desta UFCG. Importa, todavia, que o nosso trabalho com esse projeto possa nos dar subsídios suficientes para a elaboração de um bom trabalho de conclusão de curso assim como para um futuro projeto de mestrado – outro grande objetivo que perseguimos.

Para além das resistências diárias, há ainda as resistências que a própria documentação impõe ao nosso trabalho, como a deterioração dos volumes mais antigos do Diário da Borborema, datados do fim da década de 1950, tornando-se frágeis para o manuseio e perigosos para a saúde diante dos fungos que ali devem existir. Mas nada que instrumentos corretos de trabalho e proteção como pinças, lupas, luvas e máscaras não possam amenizar o esforço e maximizar os resultados da pesquisa. O ambiente de trabalho tem se revelado bem agradável seja pelo silêncio existente ali – cortado apenas pelas gentilezas que Seu Bui nos faz ao trazer um generoso café, ou pela seleção musical escolhida para o momento – seja

pelas reflexões que fazemos sobre nossos dias que têm sido ritmados pelo trabalho que realizamos ali, entre os flashes da câmera fotográfica e o contínuo folhear das velhas páginas do Diário. De alguma forma, trabalhar por entre esses papéis desse arquivo se torna algo extremamente prazeroso ao passo que encontramos novas possibilidades de trabalho diante dos *insights* proporcionados pela rápida leitura das reportagens ali dispostas. Ao abarcar diferentes esferas da sociedade, são muitas as possibilidades abertas ao historiador para a produção de diferentes discursos a partir de um mesmo periódico.

Assim, a cada folha amarelada alcançada, encontramos novas possibilidades que se abrem para pensarmos sobre o passado de Campina Grande. São histórias aparentemente pequenas, mas interessantes e importantes, riscadas pelas linhas do estranhamento, que nos chamam a atenção, nos fazem viajar por um tempo que só existe ali graças àquele jornal. Essa experiência de pesquisa nos tem levado a refletir sobre a nossa contemporaneidade na medida em que tendemos a compará-la a esse passado tão próximo de nós, nos levando a imaginar como determinadas coisas mudaram tanto, mas, ao mesmo tempo, como o nosso tempo e os nossos meios nos permitem trazê-las aos debates acadêmicos e historiográficos dos quais desejamos participar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, pode-se perceber que o periódico, é uma valiosa fonte histórica ao se analisar as propostas e perspectivas que a Nova História propõe. Na análise dos cotidianos e de suas transformações, dos interesses e do imaginário de determinada sociedade, o periódico não deixa a desejar perante outras fontes da mesma época. Mas claro que, como é de se esperar dos historiadores de hoje, a eficiência máxima destes documentos só podem ser atingidas no momento em que há um questionamento, uma dúvida. Deve-se utilizar a fonte com a certeza que aquilo é apenas mais um discurso dentre todos os possíveis. Uma representação daquele determinado tempo. Afinal, como nos alerta Bacelar,

“[...] é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi

redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental [...] Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador!” (BACELLAR, 2005: 63)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. **Imprensa : fonte de estudo para construção e reconstrução da História**. X Encontro Estadual de História. 26 a 30 de julho de 2010. Santa Maria - RS. Disponível em < [http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975\\_ARQUIVO\\_artigoimprensaanpuhrs\[1\].pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279234975_ARQUIVO_artigoimprensaanpuhrs[1].pdf) >. Acesso em 03 jan. 2013.

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KARNAL, Leandro e TATSCH, Flávia Galli. **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (organizadoras). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.